

VENDRAMINI, C. R. *Terra, trabalho e educação: experiências sócio-educativas em assentamentos do MST*. Ijuí: Unijuí, 2000. 232 p. (Coleção Ciências Sociais).

---

Fernando José Martins\*

Esta obra é oriunda dos estudos de doutorado da autora. Apresenta-se rica em dados de pesquisa e também em detalhamento teórico. Seu fulcro é a discussão das experiências socioeducativas que se realizam no cotidiano da luta pela terra nos assentamentos rurais em Santa Catarina. Persegue uma compreensão do conceito de classe à luz das mudanças que vêm acontecendo no mundo hoje e, principalmente, analisa, por meio da experiência do MST, que o conceito de classe social continua presente e central nas relações sociais.

Tem como ponto de investigação um movimento que, segundo a ótica da autora, é precioso nas discussões sobre classe, e referência, no que diz respeito a evidenciar a luta de classes existente na sociedade atual. O MST é movimento de massas, que em sua dinâmica interna, em seu processo de construção de sujeitos coletivos, resgata, com sua organicidade, o conceito de consciência de classe, não perdendo de vista que tal conceito é construído mediante relações que abordam diversos aspectos: político, social, econômico, religioso. Portanto, uma categoria indispensável para o entendimento de tal discussão é a totalidade.

Deste modo, é necessário que o entendimento do fenômeno educação não seja restrito aos âmbitos da educação formal, mas como totalidade. A educação deve ser considerada em todos os aspectos da formação humana, e contemplando principalmente fatores educativos e formadores internos do movimento social: “O objetivo fundamental deste livro é contribuir para a compreensão de educação e sua articulação com a sociedade, a partir da investigação concreta das relações entre educação e movimento social,

\* Mestrando em Educação, UFPR - Universidade Federal do Paraná, Linha de Pesquisa: Políticas e Gestão da Educação, área Educação e Trabalho. Email: f-j-martins@bol.com.br

educação e consciência social.” (p. 20). É mediante esta “investigação concreta”, pautada em dados coletados em assentamentos rurais do Estado de Santa Catarina – que apresentam diferentes formas de organização, de experiências coletivas e individuais, de grupos organizados pelo MST e outros que não tiveram tal experiência – que a autora busca conhecer as vivências do MST desenvolvida em assentados, nos aspectos produtivo, político, social, ideológico e educacional.

Em relação ao estudo sobre classe, Vendramini ressalta algumas características do MST, que é um movimento cujo seus interesses conjunturais, ou imediatos, dizem respeito à luta pela terra, pela reforma agrária e pela manutenção – trabalho – da vida junto a terra. No entanto, tal perspectiva não se desvincula dos projetos estruturais de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual o acesso aos bens e ao trabalho seja realmente de todos; enfim, uma sociedade socialista. É este projeto comum que fundamenta alguns aspectos da consciência de classe presente no movimento, pois se reflete em suas construções cotidianas, e como a autora afirma: “só se pode falar em consciência na luta de classes, em política, a qual se forja nas lutas sociais, pela ação coletiva, implicando uma organização que seja a portadora de uma ideologia própria” (p. 34).

Na análise dos dados coletados pela autora, percebe-se que a realidade apresenta dificuldades que, em alguns casos, sobrepõe-se ao que chamamos de consciência de classe, pois, mesmo tendo como horizonte uma perspectiva socialista, o MST está extremamente vulnerável às contradições da sociedade capitalista. Assim, problemas quanto às dificuldades no processo de produção, resquícios de sua ideologia individualista, são elementos constituidores da realidade estudada. Contudo, estes fatores não omitem o fato de que, no interior da dinâmica do movimento, a realidade está bem mais próxima de uma identidade coletiva do que em “comunidades tradicionais”. O MST e seus assentados não se desvinculam. O sentimento de pertença ao movimento é notório entre seus integrantes. Algumas evidências corroboram com tal premissa: a produção cooperativa, a constatação das diferenças sociais e suas incidências no cotidiano, a clara definição política, e, sobretudo, a necessidade das organizações, em manifestações e protestos para a aquisição de avanços para a comunidade, seja em benefícios sociais, como saneamento, saúde, habitação e educação; ou em condições econômicas para a produção.

Cumprir lembrar que, na formação destes elementos, a religião tem seu papel, pois ela esteve presente na constituição do movimento, representada pela CPT – Comissão Pastoral da Terra, pautada em uma vertente do catolicismo chamada Teologia da Libertação, que tem um caráter politizado e busca justiça

social. Hoje se pode notar tal incidência no tom celebrativo das místicas realizadas pelo movimento, nos fortes momentos da luta e na ideologia em comum que culmina na luta por direitos sociais.

Na parte final do livro, a autora faz uma atenta reflexão sobre os processos educativos no interior do assentamento. Vale ressaltar que a concepção de educativo aqui tomada, inclui a escola, mas não se limita a ela: “é possível, portanto, aprender em outros espaços, com outros meios e procedimentos, já que a aprendizagem acontece em todo intercâmbio de experiências produtivas, de convívios, de práticas associativas, religiosas e comunicativas, incluídas as escolares.” (p. 163). Em oposição aos moldes da escola formal, que desconsidera tais experiências, a escola do MST busca fundamentar-se na prática social como princípio pedagógico, valorizando aspectos da realidade circundante do educando.

Lutar pelo direito à escola no interior dos assentamentos e acampamentos é inerente aos pressupostos de educação do MST, que percebem que este é um terreno importante para a consolidação de projeto social alternativo, onde a justiça social é uma premissa necessária; projeto que busca ser construído nas experiências sócio-educativas da luta pela terra, trabalho e educação.

Este livro é uma valorosa contribuição para educadores, lideranças sociais, aos envolvidos na questão do trabalho e da terra. Constitui-se em um estudo idôneo que, na contramão da história, mostra a força de um movimento social popular; porém sem perder-se no ceticismo, mostrando também as limitações do mesmo. Em síntese: é um estudo recomendado para todos os “educadores” no sentido mais amplo do termo.

Texto recebido em 10 fev. 2003  
Texto aprovado em 10 mar. 2003